

Podcast
Leia
com uma
criança

**Conversas
sobre leitura**

EPISÓDIO 4

As cores e Elise

Boas-vindas	3
Vamos visitar a casa de Elise!	4
Queremos contar uma história...	5
A metáfora e a cor	7
Como a literatura representa quem viveu mais?	8
Tudo bem estar triste e se sentir sozinho	10
Oralidade: quando recebemos a visita das nossas histórias	11
Ganhar ou despertar a atenção das crianças	12
Ouvir e pertencer	15
Celebrar o afeto	16
Para saber mais	17
Ficha técnica	18



Olá, mediadores e mediadoras de leitura!

Sejam bem-vindos! Este é um convite para uma conversa sobre leitura compartilhada, suas belezas e seus desafios. E diz respeito ao quarto episódio do **Podcast Leia com uma criança**, uma produção do Itaú Social com parceria de Kiara Terra, narradora de histórias, autora e pesquisadora das infâncias.

O **Leia com uma criança** é um programa que, desde 2010, incentiva a leitura do adulto com a criança como uma oportunidade de fortalecer os vínculos e participar ativamente da educação desde a primeira infância.

Aqui vocês encontram algumas ideias, dicas e reflexões entre as múltiplas possibilidades para a mediação de uma obra literária. Esta iniciativa surge da vontade de partilhar as descobertas e os caminhos vividos em experiências de mediação literária on-line com crianças de diferentes territórios do Brasil.

O **Podcast Leia com uma criança** disponibiliza, além deste conteúdo, um vídeo para mediadores de leitura e um podcast voltado para as famílias e crianças. Para se aprofundar ainda mais nesse trajeto de aprendizagem acesse todos os materiais que estão disponíveis na página:

www.itausocial.org.br/podcasts

É um prazer enorme conversar sobre leitura com vocês!



Vamos visitar a casa de Elise!

Vamos ao livro *A visita*, de autoria de Antje Damm, traduzido por Sofia Mariutti e publicado pela editora Companhia das Letrinhas. E por onde começar?

Que tal conhecer um pouco mais o universo proposto pela autora? E se imaginássemos quais são as suas inspirações? Que tal abrir o livro como quem faz uma visita?

E se nós, os leitores, fôssemos as visitas a que se refere o título? Ao abrirmos o livro, somos convidados a conhecer a casa de Elise. Por meio dos elementos da ilustração, um pouco da história da personagem nos é contada.

A autora exhibe uma série de imagens como quem apresenta a nós, leitores, diversas personagens sem se remeter a elas no texto verbal. Entre essas imagens encontramos móveis, objetos da casa e fotografias. Elise, a dona da casa, aparece nas fotos em fases diferentes da vida, junto de um palhaço, uma menina e um homem. Quem são eles? O que nos dizem sobre Elise?

Há um espaço importante para que, ao lermos juntos, possamos imaginar a partir desses elementos. Percebemos quais são as técnicas da ilustração, que envolvem colagem, pintura e desenho.

No início, a história apresenta um mundo com poucas cores. A casa de Elise se transforma com a visita de Emil, e podemos pensar nessa casa como uma personagem em transformação, ou mesmo como se fosse o mundo de Elise – que inicia estável e depois se move, ganhando cores ao longo da história.

Queremos contar uma história...

Até meados do século XIX não existia distinção entre adulto e criança. Não havia o entendimento do grupo geracional do qual fazem parte as crianças. As histórias eram contadas para todos. As crianças trabalhavam, e sua vida não era entendida de modo diferente da vida dos adultos. Com a Revolução Industrial e o aumento da população nas cidades, as jornadas de trabalho mudaram; e o modo de vida, também. A noção de infância como conhecemos hoje no Ocidente começava a ser delimitada.

Estava em desenvolvimento a ideia da criança como um ser em formação que deveria ser educado, passando de uma fase menos passível de ser controlada para um momento em que estaria pronto para a vida adulta. As ciências ligadas à educação, à psicologia e à medicina voltadas para as crianças começavam suas primeiras indagações.

Muitos questionamentos são possíveis quando olhamos o processo por meio do qual se delimitou a ideia de infância enquanto grupo geracional. Aqui merecem atenção alguns pontos centrais. A criança não é um ser incompleto, em falta e que deve se adequar até se tornar adulto. A infância compreende um grupo geracional cujos indivíduos, as crianças, são sujeitos capazes de construir conhecimento acerca de si e do mundo.

O convite que fazemos a vocês, mediadoras e mediadores, é para pensar na ideia de incompletude e ingenuidade (como se as crianças só se tornassem sujeitos completos no futuro) que foi atribuída às infâncias e que pode nos levar, se não refletirmos, a reproduzir conceitos equivocados: “crianças só gostam de coisas coloridas”, “crianças só entendem coisas simplificadas”, “conteúdo para criança tem que ser sempre agitado, alegre e sem conflitos”, “devemos apresentar às crianças um mundo protegido”. Será?



Em quais crianças pensamos quando construímos essas ideias? Será que essa ingenuidade que pressupomos existir nessa faixa etária inclui crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social? Como ampliamos nossa compreensão para ler com as diferentes infâncias e seus contextos?

Sugerimos uma reflexão sobre o sujeito criança frente aos desafios da vida. Crescer, viver, desenvolver laços e sofrer perdas são experiências complexas e nem sempre alegres pelas quais as crianças passam. Seus universos e gostos são variados, e proporcionar leituras com diversas temáticas e matizes pode ser uma alternativa à armadilha de mantermos as crianças em um mundo hermeticamente fechado, protegido, simplificado e cor-de-rosa.

Ler juntos é um convite a adentrar novas percepções, conhecer obras, autores e seus universos simbólicos, mas é também um convite à autonomia do sujeito criança e de seu processo de entender o mundo.

E se experimentarmos outras sensações, outros climas, outras cores e outros tempos de leitura?

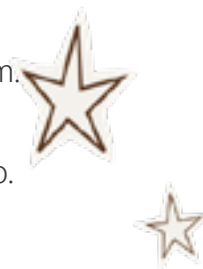
A visita é um convite irrecusável, cheio de descobertas e desafios.



A metáfora e a cor

As cores da casa de Elise, suas roupas e seu rosto se transformam ao longo da história. De modo bastante sutil, a autora nos convida a ler através das imagens. A perceber os detalhes da ilustração e a viver a sensação que as cores trazem ao livro. Em momento nenhum Elise ou Emil explicam essas mudanças, e nem mesmo o texto remete a elas. Nós, leitores, somos convidados a perceber e a atribuir sentido às sensações que as cores trazem. Elas nos contam histórias silenciosamente, mas de um modo tão intenso e revelador que é impossível não notar que algo instigante nos é apresentado. Quantas histórias estão acontecendo dentro de nós, leitores, sem que precisemos de palavras?

Como nós, mediadores, podemos abrir espaço para as sensações e leituras das crianças? Como perceber e acolher as expressões não verbais das crianças e que nos contam tanto sobre suas leituras?.



Como a literatura representa quem viveu mais?

Como é representado o grupo geracional da terceira idade na literatura? Como são descritos os avôs e as avós? Você já pensou sobre a palavra “velho” e seus múltiplos usos?

Idoso é apenas um ser humano de idade avançada, mas velho pode ser um livro, um conceito, um mundo, uma ideia. A palavra “velho” é mais abrangente e capaz de abarcar significados diversos.

Griots, sábios, anciãos... Há muitas representações dessa faixa geracional, e elas podem trazer a conotação de sabedoria adquirida pelo tempo vivido, além de nos contar que, em algumas culturas, quem vive mais pode carregar o status de guardião de saberes, de conselheiro. Mas há também as representações pautadas em preconceitos e que atribuem ao velho o caráter de descartabilidade ou de figura infantilizada. Para evitar equívocos, é importante responder às seguintes perguntas: o que mudou no modo como as pessoas vivem a terceira idade em diversos territórios ao longo dos séculos? Quem são as avós e os avôs hoje? Quais papéis eles exercem nas diferentes famílias? Como escolhemos identificá-los?

A visita é um livro bastante revelador no aspecto de representação dessa etapa da vida. Ele traz Elise, que, antes de qualquer aspecto que a defina, é um indivíduo com sua história, seus medos e seu universo, revelado a nós pelos detalhes de sua casa. Elise tem filhos ou netos? Casou-se? Vive com quem? Tem ou teve amigos? Nenhuma pergunta dessa natureza é respondida pelo livro. Não é fornecido ao leitor nenhum dado para pensar sobre as escolhas feitas por ela. Não é possível encaixar Elise. O fato de Elise ser uma mulher velha não está acima nem vem antes de ela ser uma pessoa. E o momento da vida de Elise não a impede de se relacionar com Emil nem determina que tipo de troca eles terão. Ela e o menino brincam, leem e estabelecem uma conexão que está livre de concepções preestabelecidas sobre suas idades e histórias de vida.

Nesse ponto, o livro A visita pode ser um convite, mediadora e mediador, para que pensemos sobre o modo como temos nos referido aos mais velhos, às avós e aos avôs, em nossas leituras e sobre o modo como os livros que escolhemos os representam.



Tudo bem estar triste e se sentir sozinho

Em *A visita*, a personagem Elise inicia a história sozinha. Ao longo do texto, conhecemos sua casa, que ainda está sem cores, e a autora nos conta sobre seus medos.

Como olhamos juntos os medos de Elise?

Sugerimos que o mediador abra espaço para acolher sem explicar, justificar ou contextualizar esses sentimentos da personagem.

Como se pudesse abraçar demoradamente uma amiga que está triste. Tudo bem sentir medo ou tristeza e tudo bem partilhar esses sentimentos. Podemos falar disso com as crianças.

É importante perceber que nós, adultos, frequentemente colocamos mais peso nas tristezas do que as crianças, o que pede que estejamos atentos para evitar encaixar Elise em estereótipos ligados ao processo de envelhecer e de estar só.

- ▶ O que as crianças têm a dizer a respeito dos medos de Elise?
- ▶ O que nos contam sobre essa partilha que fazem ao conhecer a casa e perceber que Elise está só?
- ▶ Será que estar só é necessariamente estar triste?

Estar sozinho pode ser bom e leve. Mas, quando olhamos com as lentes do medo e da solidão, só enxergamos a tristeza. E se pudéssemos perceber de outras maneiras o fato de Elise estar só no início da história, o que descobriríamos sobre ela?

Sugerimos que essas e outras perguntas que chegarem através da mediação sejam acolhidas, e que o mediador sustente sua escuta e as contribuições e reações das crianças. Construir diferentes hipóteses e abrir possibilidades de compreensão da personagem é tão importante quanto garantir espaço para acolher as sensações que temos ao conhecer Elise antes da chegada de Emil.



Oralidade: quando recebemos a visita das nossas histórias

Será que a oralidade e a literatura estão em lados opostos?

As histórias vividas pelo mediador podem ser contadas no momento da leitura compartilhada, e o mesmo vale para as crianças. A oralidade é um exercício de costura na mediação. E não é algo antagônico com a literatura. Oralidade e literatura, texto falado e texto escrito, são complementares. Há o tempo do livro, a edição, o autor, a ilustração e o objeto livro. E há o tempo da interação das versões da história, da pluralidade de olhares, do encontro de culturas que ler junto proporciona.

E se as avós das crianças e suas históriasoubessem nessa leitura? Que outros elementos comuns podemos trazer para a leitura?

Perceber o que não cabe nas palavras

O livro de Antje Damm convida para uma atmosfera de intimidade; afinal, estamos visitando a casa de Elise. Esse espaço de intimidade da personagem abriu em nós, leitores, a possibilidade de partilhar nossas histórias. E essa partilha, assim como o livro, era composta de palavras, mas também de silêncios cheios de significados e olhares repletos de cumplicidade.

Esses espaços são importantes para que o mediador perceba o contexto no qual estão a criança e o grupo. Em *A visita*, Emil e Elise têm um diálogo muito simples, mas o leitor pode perceber que, embora não esteja descrito por palavras, algo silencioso e muito significativo está acontecendo. A casa de Elise está ganhando cores novas.



A história nos revela algo indizível que acontece no mundo íntimo de Elise e pode também acordar, na leitura compartilhada, as belezas que acontecem na intimidade dos leitores e na partilha igualmente simples, que podem estar habitadas de silêncios significativos entre quem lê junto.

Ganhar ou despertar a atenção das crianças

Essa pergunta pode parecer apenas retórica, mas ela guarda um ponto importante. Você já ouviu a expressão “Prender a atenção das crianças”? Ou prender a atenção do público? Queremos propor uma reflexão sobre essa frase! Quando pensamos em ganhar a atenção das crianças, trazemos junto a ideia de controle. Será que desejamos controlar seus corpos para que se mantenham sentados? Controlar suas vozes para que elas falem baixo ou se mantenham em silêncio? Manter o controle diante do grupo, assegurando que a história mediada siga seu curso?

Mas podemos pensar que todos os indivíduos dão sua atenção àquilo que julgam importante, interessante, instigador, curioso, atraente. A criança como um sujeito completo é capaz de distinguir o que lhe causa interesse. Quando nos dá atenção, a criança está fazendo isso em plena liberdade, por escolha.

▶ Então como atrair, receber e manter a atenção das crianças?

Experimente escolher livros que você goste de mediar. Busque nas narrativas aquilo que atrai você, mediador, mediadora. Antes de ler com as crianças, faça uma leitura em busca de elementos que lhe tragam alegria, despertem sua curiosidade ou façam você perceber coisas novas. Apresente o livro e desfrute da presença uns dos outros.

Ao ler junto, privilegie a liberdade para imaginar, se expressar e se mover. Abra a possibilidade de falar ao longo da mediação, quando achar importante, e a chance de se mover, deitar ou abraçar um amigo ao longo da leitura. Estabeleça combinados que garantam à criança que estar ali é uma escolha dela. Diga às crianças que você gostaria que elas estivessem atentas, ativas e presentes na leitura conjunta. E lembre-se: despertamos a atenção das crianças na medida em que estabelecemos e fortalecemos os vínculos, e isso leva tempo.

Tenha interesse real pelas contribuições das crianças. Ofereça uma escuta aberta a todas as falas, independentemente de estarem ou não ligadas ao tema da leitura. Pense que ler junto também é conhecer quem é o leitor, seu mundo, sua cultura, seu modo de pensar e de se mover.

▶ E se todos quiserem falar e se mover ao mesmo tempo?

Caso aconteça algo assim na mediação, escute. Talvez as crianças precisem de um aquecimento que as ajude a liberar a energia contida em seu corpo. Dançar, respirar, brincar com palavras e jogos cantados de atenção pode ajudar a estabelecer conexão e se concentrar. Experimente propor um aquecimento antes da leitura ou até mesmo no momento em que perceber que as crianças poderiam se beneficiar dele. Não tenha receio de interromper, aquecer e voltar para o livro.

▶ E se alguma criança não conseguir participar na mediação?

Olhe para a criança, peça atenção com delicadeza, tenha o cuidado de acolher sem expor e olhe também para a presença dela. Perceba qual é a condição dela e o que ela nos conta sobre seu contexto. Proponha ao grupo que acolha o que ela traz, seu modo de ser, de se expressar e seu momento. Esteja inteiro, curioso, presente, atento, pronto para ler e brincar. Lembre-se de ser firme ao conduzir a leitura, sem perder a ternura jamais!

E, por fim, uma última pergunta sobre esse tema:

▶ O que faz as crianças se manterem atentas?

É um grande mistério. É um desafio ler juntos e manter alto o nível de atenção das crianças durante a mediação. Prestar atenção é algo que varia de intensidade ao longo da leitura, o que é esperado, mas há um momento em que se estabelece um elo que aproxima quem lê junto. O momento da escuta, no qual a criança percebe que, para além daquilo que o livro traz, ela também está sendo percebida, ouvida e considerada. O diálogo entre a história lida e as histórias vividas pelos leitores, com seus pontos de identificação, só é possível com a presença e a atenção do mediador. Ao mediar, qual é sua abertura para o diálogo com as crianças? Essa pergunta pode apontar caminhos interessantes para estabelecer vínculos, conhecer as crianças e seus temas de interesse.

Ouvir e pertencer

A história de Elise e Emil pode nos remeter às histórias de quem viveu mais. E estas podem nos contar sobre quem somos e sobre os saberes de quem veio antes de nós. Um modo de descobri-las é por meio de uma boa conversa, leitura ou, quando há registros fotográficos, buscando por eles.

E se fizéssemos uma “visita” ao nascimento de cada leitor? Poderia ser um encontro bonito com a história da família de cada criança, no sentido de tecer com ela pistas sobre sua ancestralidade e a noção de pertencimento dentro de seu grupo, sua família, sua comunidade ou seus amigos.

Pertencer é parte importante do processo de formação de um leitor, e a mediação de leitura pode destacar as histórias das crianças e compartilhar com elas que elas estão em um lugar seguro para contar sobre seus mundos e anseios.

Celebrar o afeto

As crianças e suas famílias têm histórias diversas. O diálogo que nasce da mediação de leitura entre as crianças e entre crianças e mediadores pode trazer à tona relatos de passagens difíceis da trajetória da criança.

Como lidar quando a história que a criança nos conta é triste?

Está aí uma chance de escolher olhar para o que a criança tem, em vez de colocar foco na falta. E o que ela tem no momento em que traz o relato é o fato de poder falar sabendo que será acolhida. Por um lado, é pouco provável que você, enquanto mediador, possa fazer algo para mudar imediatamente a realidade trazida em um relato triste. Por outro, oferecer escuta e não julgar nem emitir qualquer juízo de valores sobre o que você ouve pode ser uma das ações mais significativas para a criança e para o grupo.

Nossas histórias não são feitas apenas de momentos fáceis. Muitas vezes temos começos difíceis, vivemos perdas ou vemos quem amamos em uma situação complicada. Cada um desses desafios, entre tantos outros que podemos encontrar, nos pede que tenhamos capacidade de ouvir, acolher, preservar o espaço de vínculo entre as crianças e, principalmente, celebrar os afetos como fonte de cuidado e proteção.

Boa leitura!

Para saber mais

Histórias saborosas das avós japonesas – [Blog da Letrinhas](#)

Senegal: histórias das avós para as suas netas – [Grand Stories](#)

Dicas de livros

Áries, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Ciraolo, Simona. *As linhas no rosto de Nana*. Tradução de Alice Ruiz. São Paulo, FTD, 2020.

Fox, Mem. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

Freitas, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Heywood, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Priore, Mary del. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

Rylant, Cynthia. *A velhinha que dava nome às coisas*. São Paulo: Brinque-Book, 2002.

Ficha técnica

Fundação Itaú

Conselho Curador

Presidente

Alfredo Egydio Setubal

Vice-presidentes

Ana Lúcia de Mattos Barreto Villela

Maria Alice Setubal

Conselheiros

Claudia Politanski

Danilo Santos Miranda

Eduardo Queiroz Tracanella

Heitor Sant`anna Martins

Osvaldo do Nascimento

Priscila Fonseca da Cruz

Ricardo Manuel dos Santos Henriques

Rodolfo Villela Marino

Diretoria

Diretor-presidente

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de programas sociais

Fábio Colletti Barbosa

Diretor vice-presidente de projetos culturais

Alfredo Egydio Setubal

Diretor vice-presidente administrativo e financeiro

Eduardo Mazzili de Vassimon

Diretores

Álvaro Felipe Rizzi Rodrigues

Paulo Sergio Miron

Reginaldo José Camilo

Valéria Aparecida Marreto

Itaú Social

Superintendente

Angela Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg Macedo Pinto

Coordenadora de Engajamento Social e Leitura

Dianne Melo

Gestora do Leia com uma criança

Gabriela Passos Conserva

Comunicação Integrada Fundação Itaú

Gerente de Comunicação

Ana de Fátima Oliveira de Sousa

Coordenação de Comunicação

para a Educação

Alan Albuquerque R. Correia

Equipe de Comunicação -

Leia com uma criança

Tayrine Maurício

Rodrigo Souza Silva

Créditos da publicação

Pesquisa, roteiro e criação de conteúdo

Kiara Terra

Leitura crítica

Dianne Melo

Gabriela Passos Conserva

Revisão

Raquel Siqueira

Diagramação

LuaNucci

Caronte Design



Podcast
Leia
com uma
criança